

UM PROUST MAL LIDO, MAS VIVO?

NOTA SOBRE A RECEPÇÃO DO ROMANCE PROUSTIANO NOS DECÊNIOS DE 40 E 50

Alexandre Bebiano ALMEIDA*

RESUMO: O Brasil conheceu uma ampla e precoce recepção do romance de Marcel Proust; escritores importantes como Augusto Meyer, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade e Gilberto Freyre não esconderam sua admiração pelo autor francês. Isso dito, de que maneira estudar essa recepção? Se não se deseja um simples catálogo de nomes, é necessário escolher textos, leitores, contextos. A particularidade deste estudo, para além de sua visão comparatista, é o exame das leituras de dois importantes críticos e leitores de Proust. Tencionamos comentar neste artigo os textos a respeito do romance proustiano que, nos decênios de 40 e 50, escreveram Jean-Paul Sartre, de um lado, e Antonio Candido, de outro.

PALAVRAS-CHAVE: Proust. Recepção crítica. Sartre. Candido. Literatura comparada.

Introdução

O Brasil conheceu uma ampla e precoce recepção do romance de Marcel Proust¹; escritores importantes como Augusto Meyer, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade e Gilberto Freyre não esconderam sua admiração pelo autor francês, e o público amador não permaneceu indiferente: em 1947 é fundado no Rio de Janeiro o “Proust Clube do Brasil”, que mantém importantes relações com a “Société des Amis de Marcel Proust et de Combray”, responsável por uma importante revista sobre o romancista².

* USP – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo – SP – Brasil. 05508900 – bebiano.alexandre@gmail.com

¹ Para a recepção de Proust no Brasil, é possível conferir os seguintes trabalhos: Galvão (2002); Oliveira (1997); Silva (2013).

² O volume número 1, editado em 1950, do *Bulletin de lasociétés des amis de Marcel Proust* anuncia a

Isso dito, de que maneira estudar essa recepção? Se não desejamos um simples catálogo de nomes, é necessário escolher textos, leitores, contextos. A particularidade deste estudo, para além de sua visão comparatista, é o exame das leituras propostas por dois importantes críticos da literatura: comentaremos os textos a respeito do romance de Proust que, nos decênios de 40 e 50, escreveram Jean-Paul Sartre, do lado francês, e Antonio Candido, do lado brasileiro.

Sartre – “a vida está para além da vida interior”

Se Proust é visto hoje na França como um dos maiores escritores do século XX, cabe lembrar que ele não desfrutou desse posto eminente desde sempre. De acordo com Antoine Compagnon, a glória unânime do romancista, sua canonização na literatura francesa, veio somente com a renovação da crítica nos anos 60³. As leituras que surgem nesse momento se batem contra aquelas que foram propostas antes, principalmente nas duas décadas anteriores. E eis aí a nossa pergunta: de que maneira a obra de Proust foi lida nos anos 40 e 50? Como a questão é de ordem geral, é razoável delimitá-la⁴. Apesar disso, esperamos conseguir demonstrar, pelas leituras de Jean-Paul Sartre e de Antonio Candido, que o romance proustiano era visto, nessas décadas de 40 e 50, mais como uma obra contravertida, um tema de debates no espaço público, do que como uma obra clássica, cujos méritos devem ser reconhecidos por todos.

Que lugar o romance proustiano ocupa na crítica de Jean-Paul Sartre? Este não escreveu jamais um ensaio para analisar a obra diretamente. Isso dito, o nome de Proust aparece com frequência em seus ensaios e estudos – e, mes-

fundação do “Proust clube do Brasil” no dia 3 de junho de 1947, na cidade do Rio de Janeiro, contando com “54 membros associados e titulares”, sob a presidência do senhor Octacilio Alecrim, professor da Universidade Federal de Pernambuco. A nota da fundação do clube brasileiro teria sido comunicada ao boletim pelo senhor Roberto Assumpção de Araujo (1950), secretário da Embaixada do Brasil em Paris e membro, a um só tempo, da sociedade francesa e do clube brasileiro.

³ A julgar por Compagnon, as palavras de ordem nascidas com o estruturalismo e com a nova crítica tiveram um papel importante na canonização da obra proustiana durante o decênio de 60. É o que diz o estudioso: “A circularidade do romance proustiano foi identificada à metalinguagem e à autoreferencialidade, postas à moda pelo estruturalismo e pela nova crítica. Eis aí o clichê, a um só tempo, popular e erudito, que tornou o autor de *Em Busca do tempo perdido* o nosso mais eminente contemporâneo. Proust se tornou a coqueluche das vanguardas dos anos 60, ao mesmo tempo em que decolavam as vendas de seu romance em livro de bolso.” (COMPAGNON, 1994, p.7, tradução nossa).

⁴ Para a recepção de Proust na França, além do artigo de Antoine Compagnon já citado, é possível ver também: Fravallo-Tane (2008).

Um Proust mal lido, mas vivo? Nota sobre a recepção do romance proustiano nos decênios de 40 e 50

mo, em suas entrevistas⁵. Em linhas gerais, pode-se dizer que Sartre manteve sempre uma relação ambígua diante do projeto artístico proustiano. No entanto, é bem conhecida a face negativa, o Sartre polêmico que redige em 1945 a “Apresentação de ‘*Les Temps Modernes*’” e que não tem papas na língua para denunciar Proust como ideólogo: “Não acreditamos mais na psicologia intelectualista de Proust, e a temos mesmo por nefasta” (SARTRE, 1962, p.20, tradução nossa).

Como Sartre caracteriza a psicologia proustiana? A julgar pelo crítico, Proust enxerga os seres humanos como “ervilhas no interior de uma lata de conservas” (SARTRE, 1962, p.19, tradução nossa): uma vez que todos os humanos são feitos de uma mesma natureza e não mantêm nenhum tipo de relação entre si, o romancista supõe que, analisando a si, a seus próprios sentimentos, está prestando um serviço a todos (como se a interioridade de um rico burguês da sociedade francesa da virada do século fosse a mesma condição dos demais). Assim é que Sartre considera o romancista como um dos mais fortes representantes de uma literatura da subjetividade a serviço dos privilégios de uma classe:

[...]; burguês, Proust apresenta esse sentimento de um burguês rico e ocioso por uma mulher sustentada [o amor de Swann por Odette] como o protótipo do amor: isso ocorre porque Proust acredita na existência de paixões universais cujo mecanismo não varia sensivelmente quando se modificam os gêneros sexuais, a condição social, a nação ou a época dos indivíduos que as sentem (SARTRE, 1962, p.20, tradução nossa).

De acordo com essa perspectiva, o romance proustiano acaba por excluir a percepção de realidades coletivas e, até mesmo, a noção de liberdade. À semelhança dos romances de Faulkner, o romance de Proust proporia uma metafísica do tempo em que as personagens seriam reduzidas à “pura intuição do instante” (SARTRE, 2005a, p.98)⁶. Assim, a noção de futuro ou de história seria “decapitada” e o ser humano, condenado a uma condição absurda⁷.

Contrapondo-se a esse Sartre polêmico (e devastador), há contudo um Sartre menos conhecido, o Sartre que considera Proust um dos grandes escritores da

⁵ Para a influência da obra proustiana na formação de Sartre, apoiamo-nos em: Young-Rae Ji (2006).

⁶ A primeira edição de *Situations I* é de 1947. É de notar que o estudo sobre o romance de Faulkner foi originalmente publicado em dois números da *Nouvelle Revue Française*, em junho e julho de 1939.

⁷ “Proust e Faulkner simplesmente decapitaram o tempo, suprimiram seu porvir, quer dizer, a dimensão dos atos e da liberdade. Os heróis de Proust nunca empreendem nada.” (SARTRE, 2005a, p.98, tradução nossa).

tradição ocidental e que toma o romancista como um modelo para suas narrativas e mesmo para suas investigações filosóficas⁸. Esse Sartre que confessa uma grande admiração pelo romancista surge quando discute o realismo socialista com os marxistas do Leste. Nesse momento, Sartre declara de maneira muito franca que não pode abandonar a tradição literária de que Proust faz parte e na qual ele próprio, Sartre, formou-se:

Nós, os homens de esquerda ocidentais, não podemos aceitar que alguns autores de base que nos formaram, e a que não renunciamos, Proust, Kafka, Joyce, sejam considerados decadentes, porque isso significa ao mesmo tempo a condenação de nosso passado e a recusa de qualquer contribuição para o debate (SARTRE, 1964 apud CONTAT; RYBALKA, 1970, p.400, tradução nossa).

Essa declaração evidencia o juízo ambivalente do crítico: por um lado, não pode estar de acordo com o projeto artístico de Proust, mas por outro não pode simplesmente negá-lo ou abandoná-lo, uma vez que isso seria recusar sua própria formação. Sartre lê o romancista, se nos for permitido concluir, não como um autor clássico, por quem devemos ter deferência, mas como um escritor vivo, com quem é útil discutirmos, para oferecer outras soluções às questões que tentou responder.

Para resumir a disposição do crítico francês, o projeto de Proust seria marcado por um dualismo: a distinção entre um “eu-interior” e outro social. Contudo, não é possível existir, a julgar por Sartre, um “eu-profundo” separado de nosso “eu” que se manifesta na sociedade. Daí a importância de irmos além de Proust, e cito a famosa frase de Sartre: “Ei-nos libertados de Proust. Libertados ao mesmo tempo da ‘vida interior’” (SARTRE, 2005b, p.57). Cabe notar que a sentença exprime antes uma aspiração do que um domínio de fato: com a frase, Sartre reconhece não somente o caráter exemplar do romance proustiano (o ponto máximo da investigação interior), mas reconhece também seu esgotamento. Nasce daí o desejo de sair de si, com o intuito de descobrir o mundo, e os seres humanos no mundo; é o que conclui Sartre: “Não é em sabe-se lá qual retraimento que nos descobriremos: é na estrada, na cidade, no meio da multidão, coisa entre as coisas, homens entre os homens.” (SARTRE, 2005b, p.57).

⁸ Young-Rae Ji (2006, p.54) lembra que a obra proustiana se encontra presente na obra de Sartre, tanto em romances (como a *A náusea*), quanto no tratado filosófico de *o Ser e o Nada*, onde Sartre cita vários exemplos extraídos do romance proustiano.

Antonio Candido – do folhetim ao ensaio de crítica literária

Ao longo de sua trajetória como crítico e pesquisador, Antonio Candido escreveu ao menos nove textos em que abordou direta ou indiretamente o romance de Proust: o primeiro é uma nota de rodapé publicada em 1943 no jornal *Folha da manhã* e escrita pela ocasião dos vinte anos da morte do romancista; o último, é um amistoso artigo intitulado “Ruy e o seu crítico”, no qual Candido (2006) volta a essa nota de 1943, para comentar um ensaio que o crítico português João Gaspar Simões consagrou ao estudo de seu amigo Ruy Coelho sobre Proust⁹. Nesses nove textos de Candido vemos uma nítida evolução tanto de seus juízos quanto de seu próprio método crítico¹⁰. Ao passo que a nota de rodapé, como veremos, não tem medo de apresentar um severo julgamento de valor, as quatro resenhas publicadas no “Suplemento Literário” do jornal *O Estado de São Paulo*, durante o fim do decênio de 50, exprimem uma atitude mais de compreensão, menos crítica do que teórica. Os dois ensaios de maior envergadura escapam aos limites de nosso texto, mas constituem o grau máximo dessa atitude compreensiva; eles tentam demonstrar que o estilo de Proust, fazendo uso de abstrações ou símbolos, embora não seja rigorosamente realista, serve também à investigação da realidade¹¹.

Como compreender essas mudanças na atitude do crítico? Lembremos que Candido é um dos raros estudiosos que transitou da condição de crítico de jornal (foi autor de coluna de crítica de 1943 a 1945 para o jornal *Folha da Manhã*, e de 1945 a 1947 para o *Diário de São Paulo*) à de professor e crítico universitário nos anos 60. Ora, a nota publicada nos anos 40 reúne traços que são comuns à crítica literária jornalística, chamada também de “crítica de

⁹ O estudo de Ruy Coelho (2002) sobre Proust foi publicado pela primeira vez em 1941 no primeiro número da *Clima*, revista que contava com Antonio Candido e Ruy Coelho em seu corpo editorial. Com algumas alterações, o ensaio de Ruy Coelho foi publicado em livro com o título *Proust*, pela editora Flama em 1944. Mais recentemente, em 2002, o estudo foi republicado pela editora Perspectiva em um volume reunindo todo o conjunto de textos escritos por Ruy Coelho para a revista *Clima*.

¹⁰ Em entrevista, respondendo a uma questão sobre a “linha teórica básica” de sua produção, Antonio Candido dividiu sua crítica em três etapas: uma primeira ligada “à busca de condicionamentos” e que corresponderia ao decênio de 40; uma segunda, e até certo ponto antitética à primeira, ligada ao problema da “funcionalidade de um determinado sistema” e que se estenderia pelo decênio de 50; uma terceira, ligada mais à “estrutura, num sentido diferente dos estruturalistas, pois o que se indaga é como a estrutura se estrutura”, nascida a partir do decênio de 60 (CANDIDO, 1992, p.231-232).

¹¹ Segundo Candido, há na prosa narrativa de Proust “[...] vinculações ocultas que ligam os pormenores e compõem uma espécie de modelo permanente no meio da fuga do tempo.” (CANDIDO, 1993, p.128).

rodapé”. Aparentando-se à crônica e ocupando a parte inferior de uma página (daí seu nome), a crítica de “rodapé” não é de fácil classificação no jornal: não se trata de um artigo de fundo nem de uma reportagem, mas não se trata tampouco de uma resenha nem de um texto publicitário. A crítica jornalística de rodapé seria marcada pela *causerie*, pelo desejo de conversar com os leitores sobre os gostos artísticos em voga – e podemos citar Candido (1943, p.5, grifo nosso):

No amor permanente que dedicamos a Proust (*vejam bem o plural, se há culpa, compartilho-a com vós outros [leitores]*) há um pouco do amor que dedicamos às coisas mortas. Proust envelheceu; Proust passou; Proust não tem mais razão de ser; Proust é uma sobrevivência de museu.

Em virtude de sua prosa despreziosa, essa crítica pode servir facilmente aos interesses de uma crítica impressionista e assemelhar-se – é o que lembra Lafetá quando analisa os artigos de crítica literária escritos por Agripino Grieco para os jornais – a um tipo de boletim de informações sobre a literatura, servindo-se largamente de retratos, de anedotas, de digressões, de paralelos entre os mais diversos autores (LAFETÁ, 2000). Mas, isso dito, temos de reconhecer que a crítica de jornal pode também empreender uma análise. Com efeito, a nota de Candido não é exclusivamente uma *causerie* sobre a obra de Proust; ela pretende propor uma análise de seu estilo, embora comece com a anedota característica da nota de jornal: “Diz Manuel Bandeira [...]: ‘O sujeito que quer ler bem o Proust, tem que possuir o seu Proust. Senão, terá que o ler novamente ou será infeliz o resto da vida. Não se deve ler Proust em exemplares emprestados’.” (CANDIDO, 1943, p.5)¹².

E depois do dito espirituoso, o artigo passa a uma comparação própria à vida ao rés do chão: “[...] há sede de Proust como há sede de chope: bate lá há certas horas e não há outro meio senão ceder e correr lê-lo, ou a bebê-lo.” (CANDIDO, 1943, p.5). Essas brincadeiras servem, contudo, de introdução à análise que será empreendida. Candido cita uma longa passagem da *Prisioneira* e sublinha aí um trecho, com o propósito de analisar o estilo de Proust. Em seu comentário o crítico procura evidenciar um dos aspectos mais importantes desse estilo, o que Candido chama de “filosofia do detalhismo emocional”. De acordo com o crítico, há em Proust “[...] um aprofundamento das possibilidades da

¹² Candido faz alusão aqui à crônica “Romance do beco”, incluída pelo próprio Manuel Bandeira no livro *Crônicas da província do Brasil* publicado pela primeira vez em 1937. Confira Bandeira (1997, p.99-100).

emoção, um convite a descermos mais fundo do que nos propõe o mundo e o espírito.” Por conta disso, a descrição não será mais realista, mas antes uma reflexão sobre a construção da realidade: “[Proust] consegue transformar uma flor, um pedaço de parede, uma nota de música, um tom de voz, em temas de variações infinitas, verdadeiras chaves que dão ingresso a um mundo quase esotérico, no qual a visão das coisas aparece radicalmente modificada.” (CANDIDO, 1943, p.5).

O que pode assustar o leitor é que, juntamente com essa análise precisa do estilo proustiano, segue uma crítica severa. Com efeito, o crítico vai atirar, como diz ele próprio, “duas pedras” em seu ídolo. A primeira contra o estetismo de sua prosa. Para elevar a contemplação artística ao mais alto grau da vida espiritual, o estilo de Proust, afirma o crítico, pressupõe uma paralisia e mesmo uma atonia diante da vida. Esse abatimento moral e intelectual aparece no estilo como um desordenamento das impressões na frase: “O leitor deve ter percebido que, no trecho citado, há uma impossibilidade total de organizar hierarquicamente as emoções.” (CANDIDO, 1943, p.5). Daí a segunda pedra que o crítico atira. Como as pequenas emoções valem em Proust as maiores, não se pode mais estabelecer nesse universo uma regra de valores nem uma moral. De fato, se tudo é bom e adequado para a expansão artística, como censurar de um ponto de vista ético um gesto humano? A questão é decisiva para o crítico. Segundo Candido, o romance proustiano proporia uma moral baseada na estética. E uma moral pode ser fundada sobre valores como belo ou feio? Daí a segunda pedra que o crítico atira ao romancista: Proust parece sugerir uma transmutação dos valores pela estética, uma atitude “perniciosa”, para repetir a conclusão do crítico.

A pequena nota publicada na revista *Clima* se limita a comparar a composição do personagem em Pirandello e em Proust, e as quatro resenhas que surgem no fim da década de 50 não trazem mais julgamentos tão severos. Longe disso, o romance proustiano é visto aí como uma obra clássica, que devemos tratar com deferência; Candido (1958, p.2) diz mesmo aí que se trata do “maior romance do século”. Os tempos mudaram e o crítico de rodapé cedeu lugar ao crítico de perfil universitário. Nessas resenhas o professor não quer mais rapidamente julgar a arte proustiana nem conversar com o leitor, mas compreender os trabalhos de pesquisa produzidos sobre a obra de Proust. A leitura não figura um rodapé, mas um exame sério e refletido. Nessas quatro resenhas Candido insiste sobre os limites da crítica biográfica. A questão é agora a seguinte: como a crítica e os estudos literários devem abordar o romance

proustiano, essa obra inclassificável, e que Candido (1960, p.2), repetindo as palavras do estudo de Painter, não considera “uma ficção propriamente dita, mas antes uma autobiografia criadora”¹³?

Como compreender a mudança na atitude do crítico? De nossa parte, queríamos insistir sobre as modificações ocorridas tanto nas condições da crítica quanto na recepção do romance, que passa do estatuto de obra polêmica ao de canônica nos anos 60. Em suas resenhas Candido não lê mais o romance nos inúmeros volumes que compunham as primeiras edições, mas nos três tomos da “Biblioteca da Pléiade”: Proust se tornou um clássico, e o crítico de jornais é agora um pesquisador a resenhar os trabalhos produzidos sobre seu escritor preferido.

Cabe notar por fim que, mais recentemente, em artigo publicado em 2006, Antonio Candido voltou a comentar sua primeira nota sobre Proust. O crítico fez questão de lembrar aí que seu comentário de 1943 seguia as trilhas abertas pelo ensaio do amigo Ruy Coelho: “Como ele, eu achava que a *Recherche* era um monumento e Proust um supremo narrador, mas nada mais significavam para o nosso tempo devido à falta de engajamento.” (CANDIDO, 2006, p.34). Isso dito, o parecer atual sobre seu rodapé escrito há mais de cinquenta anos é de uma lucidez desconcertante: “O meu artigo é bastante tolo e um verdadeiro pecado contra a literatura, e embora seja insignificante ao lado do ensaio de Ruy, serve para sugerir como foi possível para o nosso grupo amar e rejeitar ao mesmo tempo.” (CANDIDO, 2006, p.34). Ora, nesse mesmo texto, Candido lembra, com o intuito de justificar sua severa crítica, que essa atitude de negação da obra proustiana “não era exclusiva dos jovens brasileiros”, visto que, por “motivos ideológicos” (CANDIDO, 2006, p.34), a obra de Proust também conhecia uma fase de descrédito na França, uma situação, acrescenta o crítico, que teria fim somente nos anos 60.

Conclusão

Vimos as leituras que dois importantes críticos literários dos decênios de 40 e 50, Jean-Paul Sartre, de um lado, e Antonio Candido, de outro, realizaram do romance proustiano. Com o intuito de sublinhar suas afinidades e discordâncias com o projeto artístico de Proust, tentamos reconstituir as leituras dos dois críticos da maneira mais empática possível. Com isso, esperamos ter conseguido

¹³ É de notar que Candido (2003) aprofundará essa perspectiva no ensaio “Poesia e ficção na autobiografia”, publicado pela primeira vez em 1977.

Um Proust mal lido, mas vivo? Nota sobre a recepção do romance proustiano nos decênios de 40 e 50

mostrar que suas críticas severas não devem ser entendidas como ignorância ou falta de familiaridade com a arte proustiana. Ao contrário, é por razões morais ou escolhas políticas que esses grandes leitores de Proust vão censurar seu romance. Nesse sentido, suas leituras não devem ser compreendidas em abstrato, mas no interior dos debates de que fazem parte. Elas participam de um momento em que o romance de Proust era considerado menos um objeto de pesquisas acadêmicas do que um tema de vivas discussões na esfera pública.

A misread Proust but is it still alive? Note on the critical reception of Proust's novel in the 40s and 50s

ABSTRACT: *Brazil has known an early and ample reception of the work of Marcel Proust; important writers like Augusto Meyer, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade and Gilberto Freyre have not concealed their admiration for the French author. How to study this reception? If the intention is not to have just a simple catalog of names, the choice of texts, readers, context is needed then. The aim of our approach, besides its comparatist dimension, is to examine the reading of Jean-Paul Sartre and Antonio Candido, two important literary critics and readers of Proust, in the 1940's and 1950's.*

KEYWORDS: *Proust. Critical reception. Sartre. Candido. Comparative literature.*

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. A. Proust club. **Bulletin de la société des amis de Marcel Proust et des amis de Combray**, Illiers, n.1, p.67-68, 1950.

BANDEIRA, M. Romance do beco. In: _____. **Seleta de prosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p.99-100.

CANDIDO, A. Ruy e o seu crítico. **Arte e cultura da América**: revista da Sociedade Científica de Estudos da Arte – CESA, São Paulo, v.14, p.31-36, jan./jul. 2006.

_____. Poesia e ficção na autobiografia. In: _____. **A educação pela noite**. 3.ed. São Paulo: Ática, 2003. p.51-69.

_____. Realidade e realismo (via Marcel Proust). In: _____. **Recortes**. São Paulo: Cia das Letras, 1993. p.123-129.

_____. Entrevista. In: _____. **Brigada ligeira**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992. p.231-252.

_____. Marcel Proust, de George Painter. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 11 jun. 1960. Suplemento Literário, p.2.

_____. Documents iconographiques de Marcel Proust. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 20 dez. 1958. Suplemento Literário, p.2.

_____. Notas de crítica literária – Vinte anos e... **Folha da manhã**, São Paulo, 11 mar. 1943. p.5.

COELHO, R. Proust. In: _____. **Tempo de clima**. São Paulo: Perspectiva; CESA, 2002. p.15-53.

COMPAGNON, A. Vous avez dit contemporain?. In: BERTHO, S. (Org.). **Proust contemporain**. Amsterdam: Rodopi, 1994. p.7-15.

FRAVALO-TANE, P. **À la recherche du temps perdu en France et en Allemagne**: 1913-1958. Paris: Champion, 2008.

GALVÃO, W. N. Prefácio – Em busca de um Proust perdido. In: WILLEMART, P. **Educação sentimental em Proust**. Cotia: Ateliê, 2002. p.11-15.

LAFETÁ, J. L. O jornal e o método. In: _____. **1930**: a crítica e o modernismo. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2000. p.48-53.

OLIVEIRA, M. M. L. P. Aspects de la critique proustienne en France et au Brésil. **Fragmentos**. Florianópolis, v.6, n.2, p.55-84, jan-jun. 1997.

SARTRE, J.-P. Sobre O som e a fúria: a temporalidade em Faulkner. In: _____. **Situações I**. Tradução de Cristina Prado. São Paulo: Cosac & Naify, 2005a. p.93-100.

_____. Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl. In: _____. **Situações I**. Tradução de Cristina Prado. São Paulo: Cosac & Naify, 2005b. p.55-57.

_____. Entretien à Prague sur la notion de décadence. In: CONTAT, M.; RYBALKA, M. **Les écrits de Sartre**. Paris: Gallimard, 1970.

_____. Présentation des Temps modernes [1945]. In: _____. **Situations II**. Paris: Gallimard, 1962. p.9-30.

SILVA, G. I. Marcel Proust e uma calma irresistível (leituras brasileiras). In: WILLEMART, P. (Org.). **Proust 2011**. São Paulo: Ed. Humanitas, 2013. p.135-146.

YOUNG-RAE JI. Sartre, admirateur secret de Proust. **L'esprit créateur**, Baltimore, v.46, n.4, p.44-55, 2006.

